

Revista Mídia e Cotidiano  
Entrevista  
Volume 11, Número 1, abril de 2017

**O DESAFIO DE REFUNDAR A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: Raquel Paiva indica as potencialidades e faz um balanço do campo de estudos que consolidou no Brasil**

***THE CHALLENGE OF REESTABLISHING COMMUNITY COMMUNICATION:  
Raquel Paiva balances and indicates the potentials of the field that consolidated  
Brazil***

Raquel BERTOL<sup>1</sup>

O ano de 2017 deveria ser de dupla comemoração para Raquel Paiva, professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Há 20 anos ela fundou na Escola de Comunicação da UFRJ o Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC), pioneiro no Brasil na pesquisa sobre o comunitarismo. Faz duas décadas também que lançou seu primeiro livro, *O espírito comum*, no qual põe em relevo o debate sobre a “comunidade” como incontornável nos estudos comunicacionais. No entanto, as efemérides não estão lhe inspirando vontade de celebrar. “Não sinto clima de comemoração neste momento”, afirmou Paiva nesta entrevista. Em sua opinião, o Brasil está “empestado” e sua sensação é de que a sociedade contemporânea se encontra “a um passo da barbárie”.

Sem ânimo para festejar, a hora é de balanço sobre o que conquistou. Primeiramente, ela viu o tema da comunicação comunitária passar de secundaríssimo à prioritário nas pesquisas da área, a ponto de há até dois anos “quase todo o contingente de pesquisadores” se reivindicar envolvido com ele. Essa adesão foi boa e ruim, na sua opinião, pois muitos trabalhos não tinham relevância. Além disso, o LECC, em sua trajetória, ajudou a fundar inúmeras iniciativas comunitárias, como a Escola Popular de Comunicação Crítica. Paiva acredita, porém, que o principal legado do Laboratório é a

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com tese defendida em 2016, e professora substituta de Jornalismo na Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: raquelbertol@gmail.com.

formação de pesquisadores com bagagem para realizar leituras críticas da produção midiática.

Uma de suas grandes influências continua a ser o filósofo Gianni Vattimo, cuja hermenêutica, diz ela, tem um compromisso com o indivíduo e a sociedade – ele é “afirmativo sem deixar de ser político e crítico”. Também se diz devedora de Jean Baudrillard e possui especial interesse na escola pragmatista. Dessa corrente, cita, entre outros, John Dewey e Richard Rorty. Do primeiro, destaca a ênfase nas teorias “ancoradas em democracia-comunidade-educação”. Atualmente, a educação para a mídia tornou-se premente, segundo Paiva: “E certamente ela começa na escola, com as crianças”. Já em Rorty encontra pistas para a saída do estado de violência que está se revelando na profunda “carência de afeto, de contato e do outro em toda a sua magnitude”. À nova geração, recomenda que mergulhe nos clássicos, como Ferdinand Tönnies, Charles Taylor e Alasdair MacIntyre, para no futuro “refundar a área” da comunicação comunitária, sem cair na “mixórdia”, como destaca, da onda recente de muitos estudos sem qualidade.

**Bertol:** *Qual o propósito da comunicação comunitária, conceito central na maneira como você analisa a Comunicação? Nos últimos anos, especialmente a partir dos protestos de 2013, houve a emergência de coletivos comunicacionais, muitos com intuito jornalístico contra-hegemônico. Poderia, nesse cenário, situar o sentido da comunicação comunitária?*

**Paiva:** Todos esses coletivos são extremamente importantes e contribuem de maneira decisiva para a quebra do monopólio da informação. A multiplicidade de vozes certamente colabora para um cenário de liberdade. Entretanto, a multiplicidade de vozes deve vir acompanhada de um processo educacional que contemple a crítica da mídia. E esse processo só se dá num horizonte da comunicação comunitária. A comunicação comunitária não é a mera produção de informação. Isso qualquer pessoa hoje é capaz de fazer, graças às novas tecnologias como Whatsapp, Facebook, Twitter etc. A comunicação comunitária tem o compromisso com a educação e com a democracia como instância da participação efetiva de sujeitos críticos capazes de julgar e decidir sobre suas

vidas, sua cidade, seu país. Portanto, o propósito da comunicação comunitária é a educação crítica de todos. Mas os protestos eclodiram no mundo inteiro e foram uma resposta ao caminho que o mundo está tomando. Não mudou nada, ao contrário recrudesceram-se as ações das forças que pretendem manter o clube dos benefícios restrito a uma minoria. Os protestos constituem uma energia de contraposição a esse cenário, uma energia de indignação. Ninguém sabe como vai terminar isso, nem no Brasil nem no mundo. Há correntes que já preveem uma década de obscurantismo. Não sei, não trabalho com previsões, porque, se trabalhasse com a perspectiva prospectiva, as minhas, neste momento, seriam as piores possíveis.

**Bertol:** *Nos seus trabalhos, você aponta uma mudança em relação à palavra “favelado”, carregada de estigmas. As pessoas passaram a se identificar como pertencentes a “comunidades”. O que permitiu esse giro semântico? Há relação com a ideia de “comunidade gerativa” que você desenvolve?*

**Paiva:** Realmente, não mudam e nem mudaram nada essas opções semânticas. As populações desses espaços sempre foram e são o grupamento que a sociedade quer deixar à parte para garantir os seus direitos. Tanto faz realmente essa maquiagem proposta inicialmente pela própria mídia nomeando o favelado, o morador da favela, com algo mais etéreo, como “aquele que vive na comunidade”. Não colou. Depois de algum tempo desse orgulho *fake*, as pessoas perceberam que não mudava nada, era o famoso seis por meia dúzia e retornaram ao que realmente são: moradores das favelas. Na verdade, não tem nada de “gerativo” aí, porque a ideia não estava ancorada em nada que significasse e propiciasse uma mudança concreta. Foi apenas uma maquiagem sem qualquer proposição de mudança do quadro, afinal as pessoas não iam deixar de morar nas favelas e nem as favelas passaram a ser um lugar bom para se viver.

**Bertol:** *Desde que você começou a trabalhar com a comunicação comunitária, como se modificou a aceitação desse tema? O que a levou a ele no início de sua*

*trajetória? Como as posições a respeito do tema nos informam sobre como se realizam as escolhas de pesquisa acadêmica no Brasil?*

**Paiva:** Eu adoro responder a essa pergunta. Na verdade, hoje eu não sei se fui eu quem começou a trabalhar com essa temática ou se ela sempre esteve na minha vida. Quando eu faço uma retrospectiva, vejo que fiz outras tantas coisas, trabalhei com outras formas de comunicação, como o jornalismo, a assessoria de imprensa etc., mas a comunicação comunitária sempre esteve presente. Eu acho que sou uma pessoa comunitarista por definição. O que significa ser comunitarista? Basicamente ser republicana na ideia e na ação, reconhecer os direitos efetivamente iguais, ter preocupação real com o território onde se vive e com a sua gente. Por outro lado, eu tenho que precisar datas que consolidam essa minha trajetória e aí eu menciono o fato de ter estudado como *becaria* [bolsista] por seis meses em 1985 no Ciespal [Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina], em Quito, e ter vivenciado experiências de comunicação comunitária fabulosas e inesquecíveis como um marco fundador. Em 1992, eu comecei o Doutorado e o meu projeto era mesmo o de estudar a estrutura comunitária. Naquela época, e mesmo hoje, ler e estudar Ferdinand Tönnies era um feito. Todo mundo cita, mas ler mesmo... Em 1997, no ano em que lancei o meu primeiro livro, *O espírito comum*, pela Vozes, fundei o Laboratório de Comunicação Comunitária, o LECC. Escolhi chamar Laboratório por dois motivos. Primeiro, para consolidar que ali existia necessariamente uma práxis e, em segundo lugar, porque não havia na época nenhum grupo de pesquisa no Brasil que tivesse essa designação. Hoje tem vários e falo isso porque ocorreu o mesmo com a temática da comunicação comunitária. Esse era um tema relegado ao último plano na área. Como disciplina nas faculdades de comunicação, era dado por gente que reproduzia o padrão informacional do jornalismo ou não tinha familiaridade com o jornalismo nem mesmo com a comunicação e menos ainda com o comunitarismo. Existia sim um pessoal que trabalhava com jornalismo sindical, popular, feminista. Isso existia e com uma práxis intensa. Mas comunicação comunitária não. E *O espírito comum* é mesmo

um marco desse momento. A academia desprezava esse tema e todos os afins. Era um momento do surgimento da virtualidade e essa temática envolveu praticamente toda a área. Mas as questões a que o comunitarismo estava ligado se tornaram uma premência no mundo globalizado. A resistência à padronização, a visibilidade do altíssimo grau de exclusão social e a seletividade para o exercício dos direitos foram os grandes propulsionadores para a premência dessa temática. A ponto de que tivemos, há até uns dois anos, um cenário em que praticamente quase todo o contingente de pesquisadores se dizia envolvido com o tema ou seus afins. Achei bom e não. Bom porque a temática se espalhou e ruim porque virou uma mixórdia, tudo virou comunitário. O cara trabalhava com análise de discurso, moda, shopping center etc. e começou a dizer e a fazer textos de qualidade duvidosa, inserindo como temática comunitarista. Foi um *boom* que está em declínio, ainda bem. Hoje, no cenário que se desenha, quem trabalha com coletivos e sua análise busca sua própria linguagem e seus autores. Quem trabalha com produção alternativa o mesmo, com jornalismo segmentado, idem. E quem trabalha ou quer trabalhar com comunicação comunitária tem que estudar. Estudar muito para refundar a área, ler os clássicos, como Tönnies, Charles Taylor, [Alasdair] MacIntyre etc.

**Bertol:** *Você participou no ano passado de debates sobre educação midiática e informacional no Conselho Nacional de Comunicação do Congresso Nacional. Um dos temas abordados foi a disseminação de mensagens de ódio, preconceito e violência na rede (agora temos o jogo on-line Baleia Azul, que preconiza o suicídio entre adolescentes). Qual o papel do teórico da Comunicação, no que se refere à educação, diante desses desafios?*

**Paiva:** A resposta para esta sua pergunta é bastante simples e direta: John Dewey. O filósofo pragmatista americano, pertencente à fase inicial da Escola de Chicago, tem a resposta correta para essa questão com suas teorias ancoradas em democracia-comunidade-educação. Não é possível imaginar uma em separado

da outra. A educação para a mídia é cada vez mais fundamental nos dias de hoje. E certamente ela começa na escola, com as crianças.

**Bertol:** *Você já afirmou que realiza uma reinterpretação no estilo vattimiano (referente ao filósofo italiano Gianni Vattimo) de teorias críticas da Comunicação. Como ele continua sendo importante para suas ideias? Poderíamos pensar numa influência marcante no Brasil de teorias críticas vindas de pensadores italianos com os quais você trabalha? Há ainda Gramsci que seria importante na sua perspectiva.*

**Paiva:** Inicialmente para ser honesta devo dizer que admiro o Gianni Vattimo como pensador e sou sua amiga, mantemos contato frequente. Não sei se há uma influência de autores italianos, apesar de você ter deixado de incluir na sua listagem o [Antonio] Negri, o [Norberto] Bobbio e o filósofo napolitano Roberto Esposito, de quem eu inclusive publiquei um artigo em *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social* (Mauad, 2007), no qual tem também um texto do Vattimo. Eu acho que nos estudos da Comunicação já tivemos no Brasil algumas fases. A fase francesa, a italiana, a americana, a canadense, a britânica, a portuguesa, a hispânica, a latino-americana. Hoje esse mapa se encontra bem esmaecido. Vattimo continua sendo para mim fundamental por ser afirmativo sem deixar de ser político e crítico. Sua hermenêutica tem compromisso com o indivíduo e a sociedade e nada pode ser mais necessário hoje, nesse ambiente de puro poder, do que a sua bandeira em torno do *pensiero debole*, um pensamento acima de tudo inclusivo, múltiplo, ecológico, que não procura nem incentiva pensamentos duros, hegemônicos, etnocentristas. Mas não posso deixar de reconhecer meu gosto e filiação intelectual por Jean Baudrillard, com quem tive também a honra de ter convivido, que melhor do que ninguém previu e explicou a nossa era.

**Bertol:** *Em 2017, o LECC completa 20 anos. Além do passado eu gostaria que você nos falasse do futuro: a partir dos projetos relevantes que realizaram o que ainda*

*precisa ser conquistado? Reafirmam-se as duas frentes de atuação, uma voltada para o estudo das representações de grupos sociais na mídia e a outra centrada no viés pedagógico?*

**Paiva:** Exatamente. Não estou planejando nada. Nem mesmo meu aniversário pessoal. Não sinto clima de comemoração neste momento. Não posso estar feliz em uma cidade doente, num país “empestado”. Alguns pesquisadores, filhos do LECC, têm sugerido comemorações, mas sinceramente ainda não tive ânimo para isso. Sobre as ações do LECC eu tenho gostado de citar uma exatamente porque retiraram o nosso nome da história e vejo inúmeras pessoas autoproclamando a paternidade. Eu tenho gostado, porque acho que isso simboliza a nossa área, não apenas a da comunicação comunitária, mas a própria Comunicação. Tenho falado por onde vou porque duvido que alguém que não eu e mais duas pessoas que estavam envolvidas na fundação tenham os documentos desse momento. Trata-se da Escola Popular de Comunicação Crítica (Espoc). O LECC foi o responsável pela criação do seu quadro pedagógico, ou seja, disciplinas, carga horária, ementas, tudo relativo à estrutura para um curso. Fizemos a formatura da primeira turma em 2005, com solenidade no auditório Anísio Teixeira, hoje incendiado, no campus da Praia Vermelha, na UFRJ. O jornal *O Cidadão*, da Maré, também foi gestado em 1997 dentro do LECC e mantivemos uma conexão muito estreita por muito tempo. Editamos, também por um bom tempo, o jornal da Federação das Rádios Comunitárias do Rio de Janeiro, num momento histórico de muita perseguição para os militantes, no fim da década de 1990 e começo do novo milênio. Também houve cursos de formação de repórter comunitário, inclusive fora do Rio. O fundamental mesmo é que os projetos sejam assumidos pela comunidade e sigam, modifiquem-se, adequados aos novos tempos. Entretanto, o mais importante projeto do LECC nesses 20 anos tem sido formar pessoas que, se não trabalham todas com comunicação comunitária, pelo menos têm, com certeza, a capacidade de realizar uma leitura crítica da produção midiática. Sem dúvida esse é o nosso maior legado.

**Bertol:** *Você participa de redes internacionais sobre o papel da Comunicação voltadas para a democratização da informação, caso do grupo sobre o jornalismo no âmbito dos BRICS. O que aprendeu com esse projeto? O Brasil ainda estaria isolado?*

**Paiva:** A pesquisa foi muito importante. Uma grande parte foi concentrada na questão do jornalista dos veículos tradicionais. Não tenho interesse hoje direto nessa questão, apesar de ter coordenado a pesquisa no Brasil. Interessa-me muito mais o perfil psicológico e emocional desse profissional. Tanto o que está na redação dos grandes veículos, tendo que retratar esse estado de decadência e insanidade, quanto o que está sendo demitido, os que saem e os que se reinventam. Essa pesquisa me interessaria muito mais. Tenho colhido dados de forma pouco metódica, mas com muita atenção e preocupação. Outras pesquisas foram realizadas nesse contexto, como a respeito dos sistemas de mídia nos BRICS, observando o uso da tecnologia e da comunicação comunitária, onde estamos ao lado da África do Sul e da Índia. Pudemos cruzar dados com esses países e há muitas semelhanças e algumas diferenças, obviamente. O Brasil não está isolado no que se refere à rádio comunitária e é atuante na Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC) desde a década de 1980.

**Bertol:** *Tem havido um número crescente de perseguição e mortes de jornalistas (o Brasil ocupa a 104ª posição entre 180 pesquisados no ranking dos Repórteres Sem Fronteira sobre liberdade de imprensa). Os jornalistas mais vulneráveis costumam atuar em suas comunidades, fora de conglomerados, os quais, de alguma forma, fornecem um aparato jurídico de proteção. Não acha que a Universidade carece de crítica a respeito?*

**Paiva:** Acho sim. E urgentemente. Não temos nenhuma pesquisa relevante sobre essa questão.

**Bertol:** *Um dos meios mais tradicionais da comunicação comunitária é o rádio. Como isso se modifica com a internet? Vê espaço para a ampliação da comunicação comunitária radiofônica no Brasil?*

**Paiva:** Não sei. Acho que a internet misturou um pouco esse ambiente. Eu sei, qualquer pessoa pode me contradizer e mencionar as *webrádios*... Mas não tenho certeza se elas realmente pegaram. Hoje temos a possibilidade de cruzar plataformas. Experiências que trabalhem nessa perspectiva vão conseguir ser mais exitosas. Não há mais tempo de uma única plataforma. É preciso tornar mais complexa essa produção para ser mais criativo.

**Bertol:** *A questão da violência, como marca indelével da vida nas cidades brasileiras, relaciona-se ao que chama de “a face mais cruel e inoperante do projeto comunitário”, ou seja, “a comunidade negativa”, oposta à “comunidade gerativa”. Ao destacar a ideia de que os direitos humanos são construções sociais, que precisam lidar com as formas de mediação para se afirmar, sem abrir mão de aspectos pedagógicos, você destaca que talvez se deva pensar para além da sugestão kantiana de que a moralidade é uma questão de razão. Citando Richard Rorty, você lembra a lição dos pragmatistas para quem a moralidade é uma “questão de sentimento”. Essa pode ser uma equação perigosa, mas reconhecer essa instância seria fundamental para dismantlar a “comunidade negativa”?*

**Paiva:** Essa pergunta é difícil... acho que estamos a um passo da barbárie. Não à toa dei essa conotação ao meu mais recente curso na pós-graduação. Não sei o que virá, se vamos sair desse rumo. O fato é que o indivíduo está revelando, de muitas maneiras, algumas bastante violentas, a sua carência. Carência de condições mínimas de sobrevivência, mas também carência de afeto, de contato e do outro em toda a sua magnitude. Rorty dá pistas muito boas sobre possíveis saídas e por incrível que pareça estão dentro de uma seara que é a nossa, de quem lida com a escritura, com a produção de narrativas. Se conseguirmos superar o *selfie* social,

fazer “panorâmicas” do território e dar um *close* no outro talvez possamos superar essa aproximação com o lado negro da força.